

GEORGE SAUNDERS

Lincoln no limbo

Um romance

Tradução
Jorio Dauster



Copyright © 2017 by George Saunders

Publicado mediante acordo com Random House,
uma divisão da Penguin Random House LLC.

Lincoln no limbo é uma obra de ficção histórica. Excetuadas as pessoas, fatos e locais bem conhecidos que figuram na narrativa, todos os demais nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Lincoln in the Bardo: A Novel

Capa

Elisa von Randow

Fotos de capa

Alexander Hesler/ Seção de livros raros e coleções especiais da Biblioteca do Congresso, Alfred Whital Stern Collection of Lincolniana

Alexander Gardner/ Seção de gravuras e fotografias da Biblioteca do Congresso

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Jane Pessoa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saunders, George

Lincoln no limbo : um romance / George Saunders ; tradução
Jorio Dauster. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Lincoln in the Bardo : A Novel.

ISBN 978-85-359-3076-4

1. Ficção histórica 2. Ficção norte-americana 3. Homens —
Biografia 4. Lincoln, Abraham, 1809-1865 5. Presidentes — Estados
Unidos — Ficção I. Título.

18.12537

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção biográfica : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

Para Caitlin e Alena

UM

I.

No dia em que nos casamos eu tinha quarenta e seis anos e ela dezoito. Ora, bem sei o que você está pensando: homem mais velho (nada magro, começando a ficar calvo, puxando por uma perna, dentadura de madeira) exerce sua prerrogativa matrimonial, humilhando com isso a infeliz jovem...

Mas não é verdade.

Pois fique sabendo que foi exatamente isso que me recusei a fazer.

Na noite do casamento, galguei com passos pesados a escada, o rosto afogueado pela bebida e pelas danças, para encontrá-la vestindo algo quase transparente que a tia a obrigara a usar, a gola de seda vibrando de leve em compasso com seus tremores — e não fui capaz de fazer nada.

Falando baixinho, abri o coração: ela era bonita; eu era velho, feio, gasto; aquela união era estranha, não nascera do amor, mas das conveniências: seu pai era pobre, a mãe doente. Por isso ela estava ali. Eu sabia disso perfeitamente. E não sonharia em tocá-la, eu disse, quando senti seu medo e... usei a palavra “aversão”.

Ela me garantiu que não sentia “aversão” embora eu visse seu rosto (belo, corado) contorcido pela mentira.

Propus que fôssemos... amigos. Cuidaríamos de nos comportar para todos os efeitos como se houvéssimos consumado a união. Ela deveria se sentir à vontade e feliz na minha casa, esforçando-se para transformá-la em seu próprio lar. Eu não esperaria mais nada dela.

E assim vivemos. Tornamo-nos amigos. Amigos queridos. Isso foi tudo. E, no entanto, era muito. Ríamos juntos, tomávamos decisões sobre a rotina da casa — ela me ajudou a prestar mais atenção nos criados, falar com eles de forma menos superficial. Ela tinha muito bom gosto e conseguiu remodelar os aposentos gastando uma fração do custo estimado. Vê-la alegrar-se quando eu chegava, sentir seu corpo junto ao meu quando discutíamos algum problema doméstico me fazia um bem que não sou capaz de explicar de forma adequada. Eu tinha sido feliz, suficientemente feliz, mas agora me via com frequência pronunciando uma prece espontânea em que dizia apenas: *Ela está aqui, ainda aqui*. Era como se um rio impetuoso houvesse aberto caminho pelo meio de minha casa, agora invadida por um aroma de água fresca e pela percepção de algo exuberante, natural e arrebatador sempre se movendo próximo a mim.

Certa noite ao jantar, por conta própria e diante de um grupo de meus amigos, ela me elogiou — disse que eu era um homem bom, sensível, inteligente, carinhoso.

Quando nossos olhares se encontraram, vi que ela havia falado com toda a franqueza.

No dia seguinte, deixou um bilhete em cima de minha escrivaninha. Conquanto sua timidez a impedisse de expressar aquele sentimento com palavras ou gestos, segundo o bilhete minha bondade para com ela tinha tido um efeito muito desejável: ela estava feliz, na verdade se sentia bem em *nossa* casa, e desejava

va, assim escreveu, “alargar as fronteiras de nossa felicidade em comum daquela forma íntima que ainda desconheço”. Pedia que a guiasse naquilo como o havia feito “em tantos outros aspectos da vida adulta”.

Li o bilhete, fui cear — e a encontrei iluminada. Trocamos olhares francos ali mesmo, diante dos criados, embevecidos com o que de algum modo tínhamos conquistado para nós dois com base em condições tão pouco promissoras.

Naquela noite, em sua cama, cuidei de me comportar como sempre: gentil, respeitoso, solícito. Fizemos pouca coisa — nos beijamos, nos abraçamos —, mas imagine, se quiser, o esplendor dessa repentina condescendência. Ambos sentimos o despertar do desejo sexual (sim, claro), porém calcado na sólida afeição que havíamos construído aos poucos: um vínculo confiável, duradouro e genuíno. Eu não era um homem inexperiente — tinha sido mulherengo quando jovem; passara tempo suficiente (envergonha-me confessar) em lugares de má reputação; fora casado antes, mantendo felizmente uma relação saudável —, mas a intensidade daquele sentimento era de toda nova para mim.

O entendimento tácito era o de que, na noite seguinte, iríamos explorar mais a fundo aquele “novo continente”, e de manhã fui a meu escritório na tipografia lutando contra a força gravitacional que me impelia a ficar em casa.

E aquele dia, infelizmente, foi o dia da viga.

Sim, sim, que sorte!

Uma viga caiu do teto e me atingiu bem *aqui*, sentado à escrivaninha. Por isso nosso plano precisou ser adiado enquanto eu me recuperava. Segundo o conselho de meu médico, fui posto...

Uma espécie de caixa de doente foi considerada... digamos...

hans vollman

Eficiente.

roger bevins iii

Isso mesmo, eficiente. Obrigado, amigo.

hans vollman

De nada. É um prazer.

roger bevins iii

E lá fiquei, na caixa de doente, me sentindo um idiota, em plena sala de visitas, no preciso lugar onde recentemente havíamos passado (alegres, com certo sentimento de culpa, de mãos dadas) a caminho do quarto dela. Depois o médico voltou e seus assistentes carregaram a caixa de doente para a carruagem que transportava aquelas caixas, e compreendi que nosso plano teria de ser postergado indefinidamente. Que frustração! Quando, agora, eu conheceria os prazeres plenos do leito matrimonial? Quando contemplaria seu corpo nu? Quando ela se voltaria para mim em certo estado, a boca faminta, as faces coradas? Quando seus cabelos, soltos num gesto impetuoso, por fim cairiam à nossa volta?

Bom, pelo jeito teríamos de esperar até que eu me recuperasse totalmente.

De fato algo bem desagradável.

hans vollman

Mas é necessário suportar tudo.

roger bevins iii

Verdade.

Embora, devo confessar, eu não pensasse assim naquele momento. Na carruagem que transportava a caixa, antes de ser imobilizado descobri que poderia me afastar dela por curtos pe-

ríodos de tempo, avançando e levantando alguma poeira, tendo até quebrado um vaso, um vaso na varanda. Mas minha mulher e aquele médico, discutindo minha lesão, não notaram. Não consegui aguentar aquilo. Admito que tive um acesso de raiva, pondo os cachorros para correr, soltando ganidos, ao passar através deles e induzir cada um a um sonho de urso. Naquela época eu tinha condições de fazer isso! Dias de glória! Atualmente eu seria tão capaz de induzir um cão a um sonho de urso quanto de levar para jantar nosso jovem e silencioso amigo aqui presente!

(Ele parece jovem, não é mesmo, sr. Bevins? Por sua compleição? Pela postura?)

Seja como for, voltei à caixa de doente, chorando daquele jeito... já senti isso, meu jovem amigo? Quando chegamos à enfermaria do hospital, meu rapaz, e temos vontade de chorar, o que acontece é que ficamos algo tensos e há uma sensação ligeiramente tóxica em nossas juntas, fazendo pipocar certas coisinhas em nosso corpo. Às vezes podemos até evacuar, se ainda não tivermos ido ao banheiro. Foi o que fiz naquele dia, na caruagem mesmo defeguei na caixa de doente, de pura raiva, e qual foi o resultado? Na verdade, guardei comigo aquele cocô por todo esse tempo — espero, meu rapaz, que não se ofenda com isso ou que sua eventual repugnância não prejudique nossa amizade ainda em floração —, mas ele está até hoje na caixa, conquanto bem mais seco!

Meu Deus, você é uma criança?

Ele é, não?

hans vollman

Acho que sim. Agora que você menciona isso.

Lá vem ele.

Agora quase inteiramente formado.

roger bevins iii

Desculpe. Bom Deus! Estar confinado numa caixa de doente quando criança — e ter de ouvir um adulto detalhar a presença de um cocô seco em sua própria caixa — não é exatamente a... maneira ideal de penetrar num novo... ah...

Um menino. Não mais que um garotão. Ah, meu Deus.

Peço mil desculpas.

hans vollman

II.

“Você sabe”, a sra. Lincoln me disse, “espera-se que o presidente ofereça uma série de jantares de gala todo inverno, e esses jantares saem muito caro. Se eu der três grandes recepções, os jantares podem ser eliminados do programa. Se conseguir convencer o sr. Lincoln, certamente vou pôr isso em prática.”

“Creio que tem razão”, disse o presidente. “Você expôs muito bem sua opinião. Acho que vamos ter de optar pelas recepções.”

A questão foi decidida, e se organizou a primeira recepção.

“Behind the Scenes or Thirty Years a Slave and Four Years in the White House”,
Elizabeth Keckley.

Os abolicionistas criticaram as festas na Casa Branca e muitos se recusaram a comparecer às recepções. A negativa de Ben Wade foi redigida em termos fortes: “Será que o presidente e a sra. Lincoln estão conscientes de que uma guerra civil está em curso? Se eles não estão, isso não ocorre com o sr. e a

sra. Wade, que, por tal motivo, não desejam participar de danças e festejos”.

“Reveille in Washington, 1860-1865”,
Margaret Leech.

As crianças, Tad e Willie, constantemente recebiam presentes. Willie ficou tão encantado com um pequeno pônei que insistia em montar nele todos os dias. O tempo estava muito instável e ele contraiu um resfriado forte, acompanhado de febre alta.

Keckley, op. cit.

Willie estava com um febrão na noite do dia 5 enquanto sua mãe se vestia para a festa. Respirava com dificuldade. Ela viu que seus pulmões estavam congestionados e ficou assustada.

“Twenty Days”, Dorothy Meserve Kunhardt e
Philip B. Kunhardt Jr.

III.

A recepção [do casal Lincoln] tinha sido duramente criticada, mas todas as pessoas importantes compareceram.

Leech, *op. cit.*

Os salões estavam apinhados; os convidados se moviam em meio a um verdadeiro bazar de aromas, águas-de-colônia, perfumes, leques, cabeleiras falsas, chapéus, rostos com sorrisos artificiais, bocas que se abriam para soltar gritinhos repentinos, embora fosse difícil saber se eram de alegria ou terror.

“All This Did I See: Memories of a Terrible Time”, sra. Margaret Garrett.

Vasos dispostos a curta distância uns dos outros exibiam flores exóticas da estufa presidencial.

Kunhardt e Kunhardt, *op. cit.*

O corpo diplomático formava um grupo brilhante — Lord Lyons, os srs. Mercier, Stoeckl, Von Limburg, Tassara, conde Piper, Chevalier Bertinatti, e todos os demais.

Leech, op. cit.

Candelabros de vários braços iluminavam o Salão Leste acima de carpetes verdes como espuma do mar.

“Rise to Greatness”, David von Drehle.

Uma algaravia de idiomas era ouvida no Salão Azul, onde o general McDowell, conversando em francês fluente, atraía a atenção dos europeus.

Leech, op. cit.

Todas as nações, raças, posições sociais, idades, alturas, larguras, volumes, tons de voz, estilos de penteado, posturas e perfumes pareciam estar representados: um arco-íris em forma humana com múltiplos sotaques.

Garrett, op. cit.

Estavam presentes ministros, senadores, deputados, cidadãos proeminentes e belas mulheres de praticamente todos os estados. Poucos militares tinham patente inferior à de comandante de divisão. Lá estavam príncipes franceses, assim como o príncipe Felix Salm-Salm, um nobre da Prússia e oficial de cavalaria que servia como assistente do general Blenker...

Leech, op. cit.

... o garboso alemão, Salum-Salum; os irmãos Whitney (gêmeos indistinguíveis exceto pelo fato de um deles usar galões de capitão e o outro de tenente); o embaixador Thorn-Tooley; o sr. e a sra. Fessenden; o romancista E.D.E.N. Southworth; George

Francis Train e sua linda esposa (“metade de sua idade, o dobro de sua altura”, como se dizia jocosamente na época).

Garrett, op. cit.

Quase perdidos em meio a um enorme arranjo floral, três velhos estavam entregues a uma discussão relevante, as cabeças inclinadas para o centro. Eram Abernathy, Seville e Kord, que morreriam antes de o ano terminar. Terrivelmente altas e pálidas, as irmãs Casten se encontravam próximas dali e, como pistilos de alabastro em busca da luz, se inclinavam na tentativa de ouvir a conversa dos cavalheiros.

“The Union Citadel: Memories and Impressions”, Jo Brunt.

À frente de todos, às onze horas a sra. Lincoln liderou a caminhada em volta do Salão Leste de braços dados com o presidente.

Leech, op. cit.

Enquanto avançávamos, um homem que eu não conhecia mostrou uma nova dança, a “Merry-Jim”. A pedido dos que o cercavam, deu nova demonstração, sendo aplaudido.

Garrett, op. cit.

Ouviram-se muitas risadas quando se descobriu que um criado havia trancado a porta do salão de jantar e não sabia onde estava a chave. “Sou a favor de uma arremetida!”, gritou um convidado. “Um avanço para a frente da batalha só é adiado pela imbecilidade dos comandantes”, disse outro, imitando um discurso recente no Congresso.

Leech, op. cit.

Ocorreu-me que aquela era a indisciplinada comunidade humana que, sob um grosseiro humor coletivo, agora conduzia a

nação armada rumo a um épico cataclismo marcial sobre o qual não fazia a menor ideia: um gigantesco organismo que se movia desordenadamente com toda a confiança e prudência de um cachorrinho não adestrado.

Correspondência particular de Albert Sloane, com a permissão da família Sloane.

A guerra começara havia menos de um ano. Não sabíamos ainda o que ela era.

“A Thrilling Youth: A Civil War Adolescence”, E. G. Frame.

Quando por fim a chave foi encontrada e os alegres convivas entraram às pressas, a sra. Lincoln teve razões para se sentir orgulhosa com a magnificência da refeição.

Leech, op. cit.

O salão tinha doze metros de comprimento por nove de largura, e era tão colorido que já parecia cheio antes mesmo que alguém entrasse.

“The Lincolns: Portrait of a Marriage”, Daniel Mark Epstein.

Vinhos e bebidas finas corriam livremente, e uma imensa tigela japonesa continha mais de trinta litros de ponche feito com champanhe.

Leech, op. cit.

A sra. Lincoln havia contratado C. Heerdt, o famoso fornecedor de bufês de Nova York. Comentava-se que tudo custara mais de dez mil dólares. Nenhum detalhe fora esquecido: os candela-bros tinham sido decorados com flores, os aparadores enfeitados com pétalas de rosas espalhadas sobre retângulos de espelho.

Brunt, op. cit.

Uma exibição vulgar e excessiva em tempos de guerra.

Sloane, op. cit.

Elsa não sabia o que dizer e ficava apertando minha mão. Assim, imaginamos, os antigos deviam receber seus convidados. Que generosidade! Quanta gentileza de nossos queridos anfitriões!

“Our Capital in Time of War”, Petersen
Wickett.

No salão de jantar havia uma longa mesa com um gigantesco espelho sobre o qual se viam enormes confeções de açúcar. As mais facilmente reconhecíveis eram o Forte Sumter, um navio de guerra, um templo com uma estátua da liberdade, um pagode chinês, um chalé suíço...

Kunhardt e Kunhardt, op. cit.

... réplicas feitas de açúcar de um templo para a Deusa da Liberdade, pagodes chineses, cornucópias, fontes com jatos de açúcar cristalizado e cercadas por estrelas...

“Mr. Lincoln’s Washington”, Stanley Kimmel.

Colmeias, com cópias perfeitas de abelhas, estavam carregadas de *charlotte russe*. Uma sutil referência à guerra era dada por um capacete com plumas de algodão-doce. A bela fragata americana *Union*, com quarenta canhões e todas as velas enfunadas, era sustentada por querubins envoltos na bandeira nacional...

Leech, op. cit.

O Forte Pickens feito de açúcar também se erguia num aparátor, mas exibia algo mais apetecível que canhões em plataformas, sob a forma de deliciosos peitos de frango...

Kimmel, op. cit.

O longo vestido de açúcar da Deusa da Liberdade descia como um manto sobre um pagode chinês, dentro do qual, num laguinho de doce esponjoso, nadavam peixes de chocolate em miniatura. Perto dali, robustos anjos de bolo afugentavam abelhas penduradas por finíssimos fios de glacê.

Wickett, op. cit.

De início delicada e perfeita, ao longo da noite aquela metrópole de açúcar sofreu seguidas devastações, os convidados guardando nos bolsos quarteirões inteiros da cidade para os compartilharem em casa com seus entes queridos. No final da noite, como as pessoas se espremessem contra a mesa coberta com o espelho, certos edifícios de confeitos terminaram por ruir.

Garrett, op. cit.

Regalaram-se com tenros faisões, gordas perdizes, carne de veado e presuntos da Virgínia; devoraram patos selvagens e perus ainda novos, além de milhares de ostras retiradas das conchas havia apenas uma hora e congeladas, que foram deglutidas cruas, passadas na manteiga com farinha de rosca ou cozidas no leite.

Epstein, op. cit.

Havia tamanha profusão desses e de outros petiscos que o ataque conjunto de mil ou mais convidados não foi capaz de esgotar tudo que estava à mostra.

Kimmel, op. cit.

No entanto, nada havia de alegre naquela noite para a anfitriã de sorriso artificial e seu marido. Eles ficaram o tempo todo subindo as escadas para ver como estava Willie, e ele não se sentia nada bem.

Kunhardt e Kunhardt, op. cit.

IV.

As notas harmoniosas da banda dos Fuzileiros Navais no andar térreo chegavam ao quarto do doente como doces murmúrios, como o pranto ténue e desesperado de espíritos muito distantes.

Keckley, *op. cit.*

Willie se encontrava deitado no quarto de dormir “Príncipe de Gales”, com seus cortinados roxos e borlas douradas.

Epstein, *op. cit.*

O rosto bonito e redondo estava inflamado pela febre. Os pés não paravam de se mover sob a colcha marrom.

“History Close at Hand”, editado por
Renard Kent, relato da sra. Kate O’Brien.

O terror e a consternação do casal presidencial podem ser imaginados por qualquer pessoa que já amou um filho e sofreu o pavoroso pressentimento comum a todos os pais de que o destino